

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 18 | Número 1 | Janeiro – Junho 2024
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

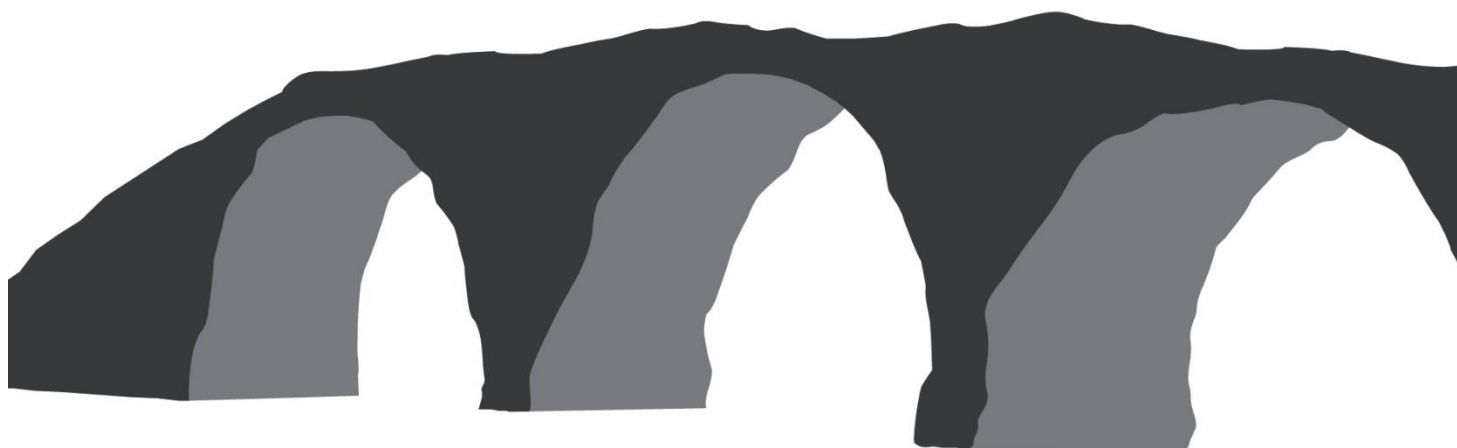
**O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DA SECA DO PATU:
MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES ARQUEOLÓGICAS**

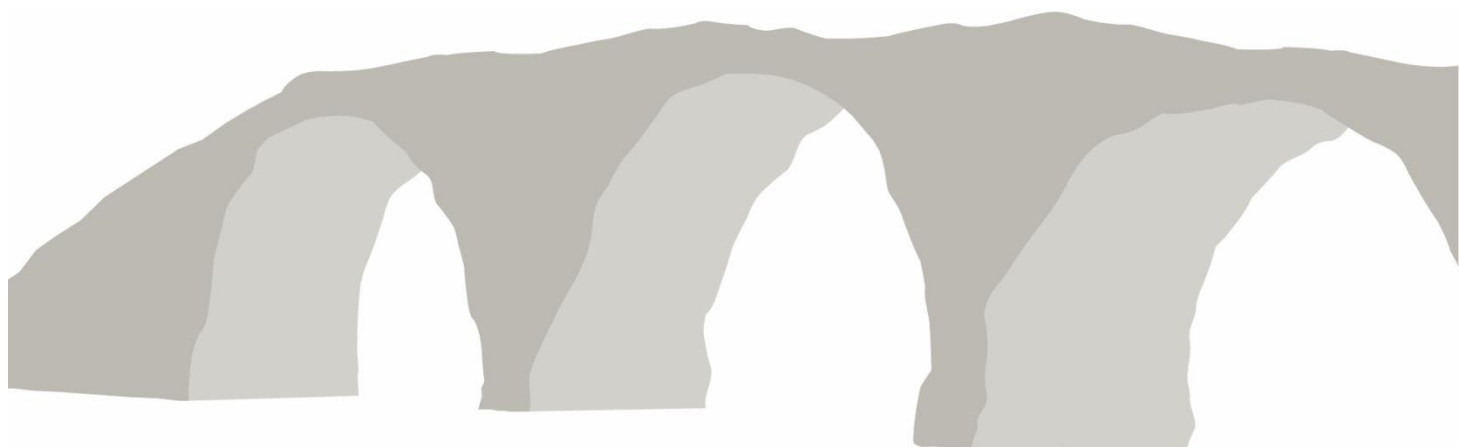
**EL CAMPO DE CONCENTRACIÓN DE SEQUÍA DE PATU:
MEMORIAS Y PERCEPCIONES ARQUEOLÓGICAS**

**THE PATU DROUGHT CONCENTRATION CAMP:
MEMORIES AND ARCHAEOLOGICAL PERCEPTIONS**

Danyel Douglas Miranda de Almeida

Maria do Amparo Alves de Carvalho





Submetido em 22/09/2023.

Revisado em: 31/09/2023.

Aceito em: 01/11/2023.

Publicado em 29/01/2024.

**O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DA SECA DO PATU:
MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES ARQUEOLÓGICAS**

**EL CAMPO DE CONCENTRACIÓN DE SEQUÍA DE PATU:
MEMORIAS Y PERCEPCIONES ARQUEOLÓGICAS**

**THE PATU DROUGHT CONCENTRATION CAMP:
MEMORIES AND ARCHAEOLOGICAL PERCEPTIONS**

Danyel Douglas Miranda de Almeida¹

Maria do Amparo Alves de Carvalho²

RESUMO

A presente pesquisa visou levantar uma discussão sobre o Campo de Concentração da Seca do Patu, em 1932, localizado no município de Senador Pompeu, Ceará, às margens do rio Patu, a partir de uma perspectiva arqueológica e histórica da paisagem e da memória. Para isso, inicialmente fizemos uma contextualização do local, considerando como as antigas estruturas da Vila Inglesa foram reapropriadas como sede administrativa do Campo do Patu. Com isso, observaram-se três formas diferentes de se perceber a paisagem em relação ao patrimônio arqueológico edificado: os diferentes contextos históricos que levaram à fiscalização de obras da barragem do rio Patu; o sistema de vigilância, controle e prisão dos sertanejos durante seu uso como Campo de Concentração e, atualmente, os aspectos da memória. Ao final da discussão, entendemos esses espaços como a materialização de um lugar de memória e a fé como promotora da lembrança dos sertanejos que perderam suas vidas nos campos de concentração.

Palavras-chave: Campo de Concentração da Seca do Patu, lugar de memória, Vila Inglesa, secas.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia com Concentração em Arqueologia (doutorando). E-mail: danyelstaffs@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6265-1704>.

² Docente Permanente do Curso de Arqueologia. Universidade Federal do Piauí (UFPI). Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPI. Doutorado concluído em 2014 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, no Programa de Pós-graduação em História com concentração da pesquisa em Arqueologia Histórica. E-mail: amparocarvalhoarq@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8235-461X>.

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo iniciar una discusión sobre el Campo de Concentración de Sequía de Patu, en 1932, ubicado en el municipio de Senador Pompeu, Ceará, a orillas del río Patu, desde una perspectiva arqueológica e histórica del paisaje y la memoria. Para ello, inicialmente contextualizamos el lugar, considerando cómo las antiguas estructuras de la Villa Inglesa fueron reutilizadas como sede administrativa del Campo de Patu. Con ello, se observaron tres formas diferentes de percibir el paisaje en relación al patrimonio arqueológico construido: los diferentes contextos históricos que llevaron a la inspección de la construcción de la presa del río Patu; el sistema de vigilancia, control y encarcelamiento de los habitantes del sertón durante el uso del Campo de Concentración; y, en la actualidad, los aspectos de la memoria. Al final de la discusión, entendemos estos espacios como la materialización de un lugar de memoria, y la fe como promotora de la memoria de los habitantes del sertón que perdieron la vida en los campos de concentración.

Palabras clave: Campo de Concentración de Sequía de Patu, lugar de memoria, Villa Inglesa, sequías.

ABSTRACT

The present research aimed to initiate a discussion about the Drought Concentration Camp of the Patu, in 1932, located in the municipality of Senador Pompeu, Ceará, on the banks of the rio Patu, from an archaeological and historical perspective of the landscape and memory. To do this, we initially provided context to the site, considering how the old structures of the English Village were repurposed as the administrative headquarters of the Patu Camp. In this context, three different ways of perceiving the landscape in relation to the built archaeological heritage were observed: the different historical contexts that led to the inspection of the construction of the rio Patu dam; the system of surveillance, control, and imprisonment of the rural inhabitants during its use as a Concentration Camp; and, currently, the aspects of memory. At the end of the discussion, we understand these spaces as the materialization of a place of memory, and faith as a promoter of remembrance for the rural inhabitants who lost their lives in the concentration camps.

Keywords: Drought Concentration Camp of the Patu, place of memory, English Village, droughts.

INTRODUÇÃO

A arqueologia tem como objeto de estudo qualquer produto material de atividade humana, desde sua gênese biológica até o presente. Entre os vestígios pesquisados por essa ciência, principalmente os que são trabalhados pela Arqueologia Histórica, podemos destacar o patrimônio arquitetônico, objetos, obras de arte e até mesmo os textos escritos. De acordo com Orser Junior (1992), os documentos históricos, ricos em informações e memória, entram aqui como “artefatos”, que foram constituídos pela ação humana consciente. Assim, além de investigar a materialidade, os arqueólogos históricos incorporam textos escritos para enriquecer suas análises.

Se a história é feita de memória, a materialidade é a prova e permanência de sua existência (Calveiro, 2013; Rago, 2010; Ruibal, 2008). O presente estudo tem como objetivo central realizar uma discussão em torno das percepções arqueológicas a partir da contextualização histórica, da reutilização das antigas edificações da Vila Inglesa e do “lugar de memória” trabalhado e concebido por Pierre Nora (1993) para entender o processo formativo do Campo de Concentração da Seca do Patu e suas estratégias de poder, localizado no município de Senador Pompeu, Ceará, Brasil, no ano de 1932.

No presente contexto, o conceito de Campo de Concentração se distingue claramente dos campos nazistas da Segunda Guerra Mundial, utilizados para o genocídio de judeus e outros considerados impuros. Isso ocorre devido às distintas circunstâncias históricas e geográficas (Neves, 1995; Rios, 2014). Os Campos de Concentração da Seca (CCS) foram uma solução temporária que o governo e a elite cearense encontraram para assistir aos sertanejos que enchiam a capital, Fortaleza, em decorrência das secas periódicas. Mesmo assim, embora o seu intuito parecesse nobre, uma grande perda humana aconteceu em razão da falta de higiene, cuidados e proliferação de doenças dos sertanejos que se encontravam presos naqueles locais (Rios, 2014).

Centenas de pessoas foram mortas e simplesmente amontoadas dentro de valas comuns como forma de sepultamento. Estudar o CCS do Patu é uma forma de reconhecer a identidade dos que foram calados pela história oficial (Pollak, 1989). Muitos documentos foram perdidos, ou até mesmo não escritos. Desta forma, “a Arqueologia tem muito que oferecer, assumindo um compromisso social e político claro ao lado das pessoas comuns e contribuindo para reconstruir, de maneira concreta, a história roubada e negada desde o sistema” (Funari *et al.*, 2008, p. 7).

Os CCS foram invisibilizados e esquecidos no decorrer dos anos. Explorar e entender a história deles deve ir além de uma busca bibliográfica e de fontes históricas que comprovem o discurso oficial (Moshenska & Myers, 2011; Zarankin & Niro, 2008). Ir além dos recursos escritos é buscar o registro material que está edificado e na memória de muitos aprisionados (Baretta, 2014). É dentro dessa perspectiva que a Arqueologia Histórica assume um compromisso de fundamental importância para o estudo desses espaços. Embora sejam ainda pioneiras as pesquisas arqueológicas sobre os CCS, entender a relação entre suas estruturas e a importância de sua preservação permite que sua história não seja completamente esquecida. A materialidade ainda é uma das formas mais seguras de perpetuação da memória, principalmente porque faz emergir a lembrança do que já ocorreu nesse lugar (Arfuch, 2013; Jelin & Kaufman, 2006).

O patrimônio arquitetônico representa um elo vivo com o passado, composto por edificações que ganharam relevância histórica e cultural para comunidades específicas. A preservação destes testemunhos arquitetônicos desempenha um papel fundamental na manutenção da identidade cultural de uma sociedade. Ao cuidar dessas estruturas, não apenas resguardamos sua história, mas também os modos de vida que moldaram

as gerações anteriores. Essas construções evocam narrativas tangíveis do passado, permitindo que as futuras gerações se conectem com suas raízes e compreendam a evolução da sociedade ao longo do tempo. A conservação do patrimônio arquitetônico é um ato de respeito pelo legado que recebemos e uma forma de enriquecer nossa compreensão do mundo que nos cerca, reafirmando a importância de honrar e transmitir essa herança às futuras gerações (Sena *et al.*, 2023).

Dentro desse levantamento abordado, a memória em contexto de repressão e da arqueologia tem ganhado crescente atenção nas últimas décadas. Diversas referências acadêmicas exploram as camadas do passado obscuro relacionado à memória de opressão e ao confinamento, fazendo emergir *insights* valiosos sobre a história da humanidade e as experiências das pessoas subjugadas. Estudiosos como Arfuch (2013), Baretta (2014), Calveiro (2013), Jelin (2002), Jelin e Kaufman (2006), Jelin e Catela (2002), Maguire (2020), Rago (2010), Thiesen e colaboradores (2015), Zarankin e Niro (2008) têm contribuído de forma significativa para o entendimento dessa faceta, oferecendo perspectivas profundas sobre como as estruturas de poder moldaram a vida e as narrativas daqueles que foram submetidos a regimes repressivos e à privação de liberdade. Suas pesquisas são fundamentais para lançar luz sobre o passado e compreender as implicações contemporâneas desses eventos históricos traumáticos com fortes entendimentos sobre a memória.

No quadro da arqueologia da repressão, a noção de internamento, também conhecida como *internment*, como destacada na obra fundamental de Moshenska e Myers (2011) na "Archaeology of Internment", está intimamente ligada às instituições. De acordo com os autores, a arqueologia aborda o internamento como a prática de moldar a cultura material e o espaço para controlar e restringir o movimento de indivíduos ou grupos (Moshenska & Myers, 2011). Seu surgimento remonta ao século XVII na Europa, com mosteiros protoinstitucionais e asilos para pessoas carentes, estendendo-se ao longo do tempo e assumindo diversas formas em contextos de guerra e migrações. Tais espaços podem variar em escala, desde instalações confinadas, como prisões políticas durante ditaduras militares, a vastas áreas, frequentemente delineadas por barreiras naturais. A prática do internamento transcende continentes e influencia consideravelmente a configuração de Estados-nação, conflitos e até mesmo a preservação da paz (Moshenska & Myers, 2011). Esta visão arqueológica também se estende à análise das instituições, explorando tanto as políticas de internamento como as experiências dos indivíduos submetidos a elas, um enfoque evidenciado nos trabalhos de Casella (2002, 2011), Davies (2013), De Cunzo (1995) e Moreira (2021).

A partir dessa abordagem e considerando o ponto de vista de Funari e colaboradores (2008), podem-se procurar alternativas que contradigam ou comprovem a história oficial, proporcionando a visibilidade às minorias e oprimidos. Sendo assim, a Arqueologia passou a ser um instrumento de luta política, destinada a enfrentar as "verdades" históricas e que se tornará um instrumento de fundamental valor para a pesquisa aqui desenvolvida (Lifschtiz, 2014; Pollak, 1989).

ENTRE SECAS E SOLUÇÕES: A CRIAÇÃO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA SECA NO CEARÁ

É fato que no imaginário populacional a região nordeste do Brasil possui estigmas em relação às secas periódicas que acometem a população ali residente. Isso acontece por múltiplos fatores, por ser um acontecimento cíclico, mas também pela contribuição de inúmeras produções bibliográficas, que abrangem desde produções científicas, como esta, até obras romancistas de poetas populares e à representação do nordeste nos livros didáticos e na mídia digital (Santos & Santos, 2017). Mesmo assim, por mais que

trabalhemos com uma descrição das secas, alguns estereótipos devem ser abolidos, principalmente quando considerada toda a diversidade cultural e natural encontrada nos estados nordestinos.

A região nordeste do Brasil é marcada por secas periódicas, que não apenas causam problemas climáticos, como também sociais, políticos e econômicos (Brito, 2013). O período de estiagem conduz à fome, à sede e à morte, mas também à formação de novos saberes, sendo estes o principal fator que tem influenciado nas decisões políticas que marcaram profundamente a história do sertão brasileiro (Gonçalves, 2018; Pinheiro Neto, 2014; Villa, 2000).

As secas são cíclicas e foram documentadas ao longo dos séculos de colonização do sertão nordestino, sendo que essa documentação aumenta de acordo com o povoamento dessa região (Souza & Medeiros Filho, 1983). As estiagens no nordeste brasileiro não são um fenômeno recente, embora o seu conceito tenha mudado, principalmente depois dos fenômenos ocorridos na grande seca de 1877 (Campos, 2014; Costa, 2004). Antes mesmo da colonização, os povos originários que habitavam a região do Ceará eram obrigados a migrar para outras regiões propícias à sua sobrevivência (Albuquerque Junior, 1988; Pinheiro Neto, 2014).

Mesmo com secas recorrentes, a população sertaneja não parava de ampliar. Considerando o estado do Ceará, que possuía um grande crescimento populacional, quando era iniciada uma nova seca, ondas de sertanejos migravam para a capital do estado em busca de melhores condições de vida (Castro, 2010; Pompeu Filho, 1893). Ainda assim, a realidade se mostrava mais difícil, isso porque, ao se deslocarem para a capital, muitos dos sertanejos padeciam em seu percurso, e quando chegavam a Fortaleza, em meio à superlotação da cidade, eram iniciadas uma série de revoltas, roubos, mendicância, prostituição, doenças e mortes provocados pela fome e falta de higiene, além da ausência de um efetivo controle e auxílio governamental para com os retirantes (Neves, 1995).

Diante desse contexto, e considerando os eventos causados na seca de 1877, quando o Ceará vivenciou os maiores desastres provocados por ela, algumas soluções foram articuladas. Entre elas, foi proposta a criação de abarracamentos para a população de emigrantes em campos de concentração, o atendimento nos hospitais, nos abrigos, a abertura de estradas que possibilitavam as passagens para outras regiões, etc. (Montebello & Silva, 2018). Ainda assim, o principal objetivo das autoridades da época era que as populações de retirantes continuassem em suas localidades. Para que isso acontecesse, alguns cientistas procuravam soluções tecnológicas e modernas a fim de que pudessem amenizar ou controlar esse efeito migratório, sendo uma das soluções propostas a criação de açudes e barragens, obras que foram empreendidas ao longo do Estado do Ceará (Monteiro, 2011).

Com o incentivo financeiro público em maior escala em obras de reservatórios de água, em 1904, foi incumbida a criação da Comissão de Açudes e Irrigação, da Comissão de Perfuração de Poços e a “Comissão de Estudos e Obras contra os efeitos da seca”, sendo que em 1919 elas são unificadas e foi instituída a Inspeção de Obras Contra as Secas - IOCS (Dantas, 2017; Souza, 2015), de forma que até o final de 1918 foram desenvolvidos diversos projetos em alguns dos estados do Nordeste.

O Ceará foi o estado precursor do processo de açudagem, sendo desenvolvida a maior parte dessas obras. Em 1919, no município de Senador Pompeu, localizado na região central do estado, foi planejada a construção da Barragem do Açude do Patu, a qual tinha como objetivo represar as águas do rio de mesmo nome (Giovanazzi, 1998). A memória sobre a concentração de sertanejos dessa barragem é o tema de interesse desta pesquisa.

No ano de 1921, durante o governo do paraibano Epitácio Pessoa, foi assinado um contrato entre a IOCS e a empresa inglesa Dwight P. Robinson & Co., em que ela foi incumbida de escavar os primeiros metros de fundação (Bezerra, 1996). Além disso, foram elaboradas algumas construções como Adriano Bezerra destaca:

Além de escavar os primeiros metros da fundação da barragem, foram doze casarões, uma usina que gerava energia para as obras, três casas de pólvora, para armazenamento da dinamite necessária à explosão de rochas. Foram também trazidos tijolos refratários da Inglaterra (Bonnybridge); um ramal ferroviário foi construído ligando a sede do município ao canteiro de obras, como também uma estação ferroviária. As máquinas vindas da Inglaterra eram transportadas por trens até o local da construção (Bezerra, 1996, p 17).

Desta maneira, é possível observar na citação acima que foi construída uma grande estrutura para a produção de um dos maiores açudes do Ceará na época. Os casarões permitiriam a estadia dos chefes e engenheiros das obras, assim como toda a estrutura necessária para o funcionamento do local. Essa área ficou conhecida como Vila dos Ingleses. No ano de 1923, com a deliberação do presidente Artur Bernardes, todos os trabalhos de engenharia foram interrompidos, entre eles ferrovias, estradas e açudes. Isso decorreu, em especial, no fim do período de estiagem e início de adversidades financeiras, o que fez com que o presidente tomasse tal decisão, afetando seriamente o Nordeste. À vista disso, os operários oriundos tanto do estado do Ceará quanto de outros lugares foram obrigados a retornar para seus lares, ficando somente o pessoal necessário para a guarda e conservação das estruturas até então construídas (Bezerra, 1996). Toda essa estrutura seria novamente utilizada no ano de 1932, no entanto, com um intuito totalmente diferente do inicial, e foi neste contexto que se formou o Campo de Concentração da Seca em Senador Pompeu, tema do presente trabalho.

No ano de 1915, foi inaugurado o primeiro Campo de Concentração da Seca do Ceará. Sob o governo do Presidente do Estado Cel. Benjamim Barroso, foi dado prosseguimento à construção do Alagadiço, localizado na área de Otávio Bonfim, conhecida nos dias de hoje como bairro Farias Brito, em Fortaleza (Câmara & Câmara, 2015; Lima, 2021; Travassos, 2011).

Reaproveitando as políticas de abarracamento, onde era permitida de forma aleatória a construção de barracas em vários pontos da cidade, agora seria destinado um local específico para concentrar todos os retirantes somente nele, o que evitaria os amontoamentos da capital. Assim, para o Cel. Barroso, a criação desse local permitiria que fosse facilitado o atendimento médico, distribuição de alimento, disponibilização de passagens para outras regiões e trabalho nas Novas Obras (Neves, 1995).

Ao atingir uma população de 8 mil pessoas, o Alagadiço não era capaz de atender às idealizações de seus construtores, começando a ser fortemente criticado. De acordo com Rodolfo Teófilo (1980), aglomerar tanta gente em um pequeno espaço serviria para grande proliferação de epidemias urbanas, como a varíola, o que levaria rapidamente a morte dos sertanejos. Ainda assim, o Cel. Barroso não voltava atrás em sua decisão, pois seu maior objetivo era o de evitar os furtos e a prostituição na cidade (Castro, 2010).

Amontoar milhares de pessoas em um pequeno espaço, sem um controle de higiene e alimentação, seria o mesmo que decretar a sua morte em condições insalubres. Isso favoreceu a proliferação de doenças e epidemias, que foram as companheiras inseparáveis de dezenas de pessoas que faleciam diariamente (Paiva, 2020). Enquanto isso, o presidente Cel. Benjamim Barroso não mencionava os casos da proliferação de doenças no Alagadiço, isso porque o CCS era uma forma de política estadual contra a seca de 1915, e comentar sobre a má situação em que esses retirantes se encontravam era delimitar as falhas do seu plano de governo (Castro,

2010). A memória dos horrores da fome e das mortes fez com que o Alagadiço se transformasse em um campo santo³ (Pinheiro Neto, 2014; Silva, 2016).

O objetivo do campo de concentração foi o de afastar o alcance dos retirantes à capital, Fortaleza, que poderiam levar “o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira”, como foi divulgado pelos boletins da época (Travassos, 2011, p. 719). Esse objetivo foi alcançado, ainda assim, os prejuízos causados com tantas mortes em decorrência das condições insalubre e a epidemia da varíola iriam mais uma vez deixar marcas na história de Fortaleza, para contribuir nessa marca, somou-se mais de mil pessoas mortas no CCS do Alagadiço. Amontoados em um espaço “cercado e arborizado”, com condições físicas precárias e patogênicas “era mais fácil morrer no campo do que fora dele!” (Neves, 1995, p. 100).

Com as primeiras chuvas de 1916, o CCS do Alagadiço perdeu seu objetivo, os retirantes foram liberados e deram a eles sementes para a plantação. Alguns deles retornaram às suas antigas propriedades, enquanto outros se dirigiram para outras cidades ou se estabeleceram em Fortaleza, aumentando a periferia da capital.

No ano de 1931, o inverno esperado já evidenciava pouquíssima quantidade de chuva ainda em janeiro e quase não choveu durante o ano. Ainda assim, os sertanejos, em sua maioria, continuavam em seus lares. Em 1932, a escassez de chuva continuou e durante o mês de março somavam-se grandes quantidades de retirantes que partiam para Fortaleza. Em abril, os trens saíram do Sertão em direção à capital abarrotados de flagelados (Rios, 2014). As turbulências causadas durante as grandes secas anteriores não poderiam retornar! A população do Ceará já era superior à de todos os anos anteriores e com isso Fortaleza sofreria com as adversidades de tamanha massa na cidade.

Para que fossem evitados os problemas do passado, mais uma vez a elite fortalezense e o governo propõem a elaboração de CCS. De acordo com o planejamento, em primeiro lugar deveria ser evitada a chegada dos flagelados à Capital, em segundo, tinha-se que delimitar locais estratégicos para que assim que eles chegassem, fossem escoltados até os campos. Para isso, estabeleceu-se que ficassem próximos das linhas férreas, já que o trem era o principal transporte utilizado por esses sertanejos (Rios, 2014). Neste contexto, foram criados sete CCS que foram distribuídos de norte a sul do Ceará: dois em Fortaleza, Campo Octavio Bonfim e Campo do Urubu, e cinco distribuídos ao longo das cidades cearenses, o campo de Quixeramobim, o campo de Cariús, o campo do Buriti ou Cural do Buriti em Crato, o Campo do Ipú e o Campo do Patu, em Senador Pompeu (Neves, 1995) (ver Figura 1).

O CCS do Patu foi instalado na Vila dos Ingleses, reaproveitando as estruturas já levantadas durante a construção do Açude do Patu. Além disso, também era informado que as obras da barragem iriam ser retomadas, sendo um ótimo pretexto para atrair mais retirantes para o CCS, uma vez que estavam em busca de trabalho. Com essa notícia, que se espalhava como uma epidemia, milhares de pessoas chegavam a Senador Pompeu, fazendo com que o CCS logo ficasse lotado.

Quando chegaram as primeiras levas de emigrantes, foram abrigadas nas antigas casas de taipa da Vila Operária, na rua da Grota, local esse onde moravam os operários da obra da Barragem no ano de 1919-1923. Com a lotação dessas residências, foram levantadas algumas barracas no leito seco do rio Patu. Entre a comunidade de Lindóia e o matadouro público de Senador Pompeu retirou-se toda a mata ciliar do rio para dar lugar aos abarracamentos dos retirantes. Essas barracas consistiam em madeiras fixadas no terreno, sendo cobertas por folhas e palhas secas, ou placas de zinco, como forma de proteção do Sol escaldante do sertão.

³ Terminologia utilizada por alguns autores fazendo alusão as fatalidades e perdas de vida ocorridas durante a concentração dos sertanejos.

Contudo, quando chegavam as chuvas do Caju, tudo era invadido pela água (Bezerra, 1996). Esses elementos em junção com o aprisionamento dos sertanejos, fez com que fosse batizado por eles uma nova nomenclatura.

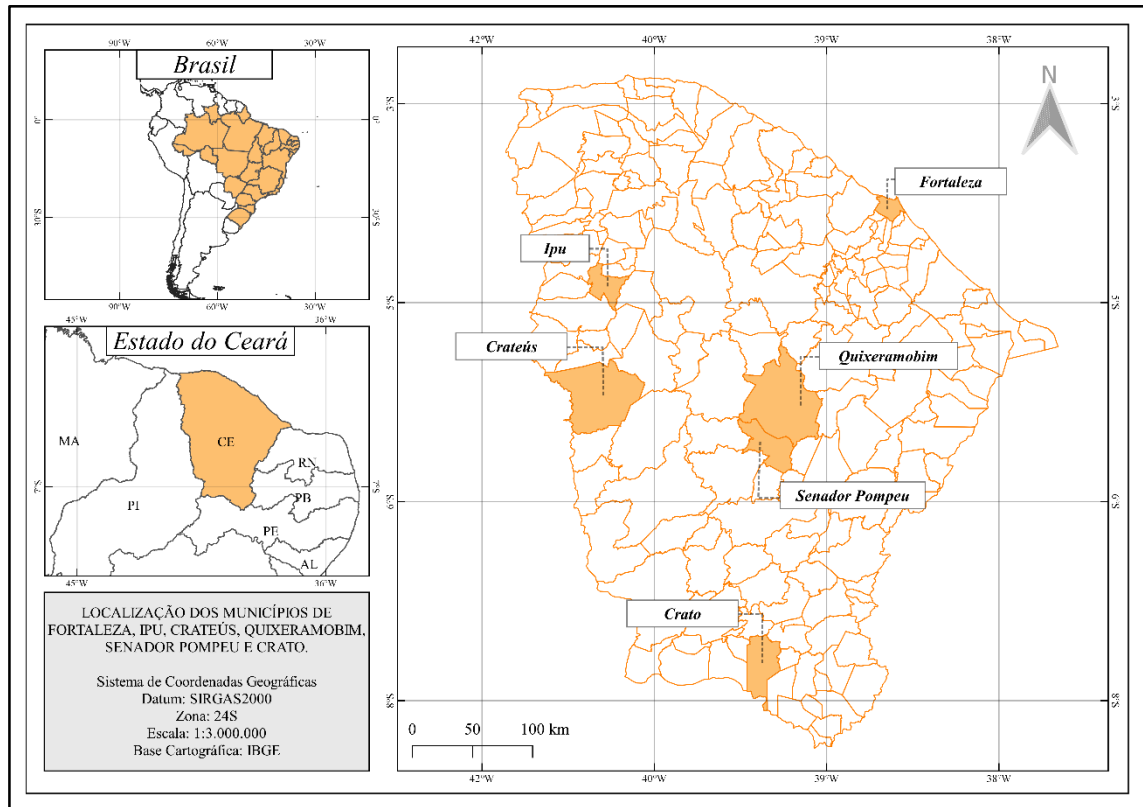


Figura 1. Cidades cearenses em que foram estabelecidos os Campos de Concentração da Seca.
Autora: Maria Zilda Lima, 2019.

Sobre a nova nomenclatura, Rios (2014) ressalta que:

Outro aspecto significativo é o nome com o qual o flagelado batizou os Campos de Concentração: Curral do Governo. Na sua vivência do mundo rural, o sertanejo sabe que o gado precisa ser encurralado para não fugir. O curral é uma prisão. Mais que isso: é uma prisão de animais. O Campo não era, portanto, um lugar para gente. Era uma prisão que tratava os seres humanos como bichos. Na memória de muitos sertanejos, o curral foi mais um caso que explicitava a forma cruel pela qual o Governo costumava, e ainda costuma, assistir os despossuídos (Rios, 2014, p. 102).

A condição sanitária do CCS da Barragem do Patu era precária, sendo que se diferenciava dos outros Campos, já que não foi edificada nenhuma habitação para suprir as necessidades sanitárias dos retirantes. Além disso, nem mesmo banheiros foram construídos, sendo outro fator que distanciava esse Campo dos demais, contrapondo o discurso higienista idealizado para o funcionamento das novas concentrações. Com a aglomeração de mais de 16 mil indivíduos dividindo a mesma área, era facilitada a proliferação de doenças (Bezerra, 1996).

A vigia do CCS do Patu era dividida por um total de 36 homens que conduziam os retirantes desde a estação ferroviária até a entrada do Campo e os seus arredores. Esses agentes não utilizavam armas de fogo, com receio de alguma revolta. Assim, utilizavam cacetetes, o que passou a denotar grande sinal de poder, o que, de acordo com a perspectiva de Foucault (1987), produziria “corpos dóceis”. Além disso, eram selecionados alguns retirantes para serem guardas. Contudo, algumas vezes empolgados com o poder de vigiar,

acabavam causando desordem, tornando-se violentos e abusivos com os seus semelhantes. Dessa maneira, retornavam a serem meros concentrados (Rios, 2014).

Como forma punitiva foi instaurado o “Sebo”, que consistia em uma prisão formada com três paus, cercados por estopas e vigiados por guardas. Embora nunca tenha sido mencionado por jornais da época, o “Sebo” permaneceu na memória dos sobreviventes. Para D. Maria de Jesus (apud Rios, 2014), ela deixava que raspassem seus cabelos com medo de que a aprisionassem no “Sebo”. Essa prisão foi criada com o intuito de impedir revoltas, servindo de maneira exemplar e de controle da população. Assim, apenas pelo fato de existir, mesmo que não fosse utilizado com frequência, essa população era doutrinada a partir da “pedagogia do medo” (Rios, 2014).

Os concentrados não poderiam sair do campo em nenhuma hipótese, a não ser que tivessem alguma autorização da chefia. Outra maneira de saída permanente do campo era informando em qual local iriam ficar estabelecidos, que de forma nenhuma poderia ser na Capital (Neves, 1995). Todos os Campos foram feitos para afastar os sertanejos de Fortaleza que vivia seu progresso da Belle Époque, momento em que os ideais franceses foram apropriados como modelo para as cidades e sociedade brasileira (Câmara & Câmara, 2015).

Com a retomada das chuvas em abril de 1933, o suporte financeiro de assistência aos retirantes enviados pelo Governo Federal administrado pelo então presidente Getúlio Dornelles Vargas foi paulatinamente reduzido, fazendo com que o projeto dos CCS chegasse ao fim e os concentrados fossem liberados para retornarem aos seus locais de origem (Lima & Souza, 2016; Neves, 2001). Com as chuvas, a vida retorna ao sertão em suas múltiplas formas e foi assim que os “Currais da Morte” perderam sua função de concentrar essas pessoas.

O projeto dos CCS nunca mais foi utilizado. Isso ocorreu em razão de alguns fatores, que para Frederico Neves (1995) são dois em especial: o primeiro foi o fato da repercussão causada pelos nazistas durante a II guerra Mundial, em que a palavra “Campo de Concentração” ficou estritamente associada ao holocausto e todos os desastres causados com a perseguição aos judeus; o outro fator, foi o da própria formação de conhecimento sobre as práticas que deveriam ser adotadas para o enfrentamento das secas e o cuidado com esse povo que vivia sob a sombra da seca .

Os CCS com o passar do tempo foram esquecidos, ficaram mascarados como uma forma de apagar da história as medidas utilizadas pelo Governo e aclamada pelas elites, como forma de vender os olhos às tragédias causadas pela escassez. Ainda assim, entre memórias e esquecimentos, uma lembrança permaneceu: a dos que foram confinados nesses locais, e juntamente com a colaboração da Igreja Católica, iniciou-se a Caminhada da Seca como forma de recordar as vítimas daquela tragédia.

CONTROLE, PODER E PRISÃO: A ARTICULAÇÕES DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DA SECA DO PATU

Ao chegar ao município de Senador Pompeu, buscamos encontrar os locais que se tornaram essenciais para a implementação do Campo de Concentração da Seca do Patu. Desta forma, organizamos um mapa (ver Figura 2) para que fosse entendida a articulação de cada espaço. Entendemos, a partir das análises, o quão interessante foi a utilização das antigas instalações da Usina do Patu e como se desenvolveu as relações de controle e poder nesse contexto.

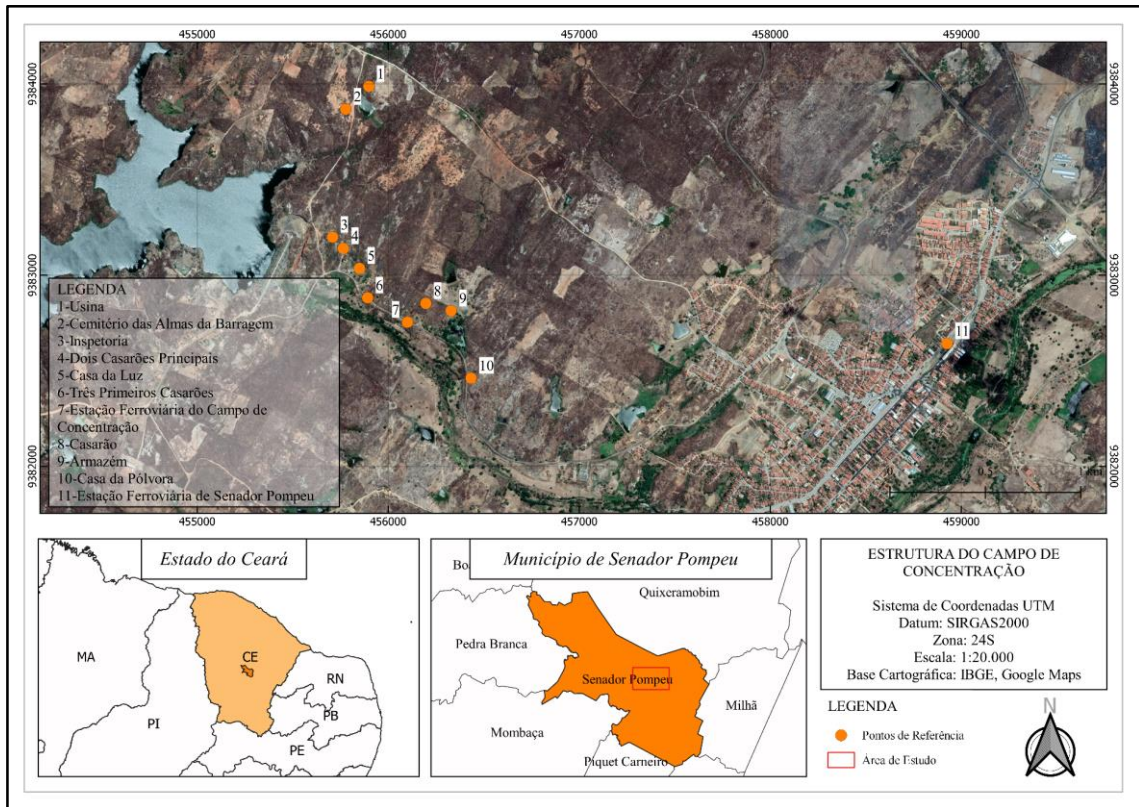


Figura 2. Distribuição das edificações que foram essenciais para a administração do Campo de Concentração da Seca do Patu. Autora: Maria Zilda Lima, 2019.

A Figura 2 apresenta o mapeamento da antiga Vila Inglesa, local reaproveitado para ser a sede administrativa do CCS do Patu. Nessa ocasião, foi realizada uma prospecção de reconhecimento, onde foram identificadas 12 estruturas durante a etapa de campo: a Usina em estilo Gótico (número 1), a Inspetoria (número 3), dois Casarões Principais (número 4); a Casa da Luz (número 5), os três Primeiros Casarões (número 6), a Estação Ferroviária do Campo de Concentração (número 7), o Casarão (número 8), o Armazém (número 9) e a Casa da Pólvora (número 10). Além dessas estruturas, também foram consideradas a Estação Ferroviária de Senador Pompeu (número 11) e o Cemitério das Almas da Barragem (número 2), que são de interesse para a análise do presente trabalho.

O primeiro local visitado foi a Estação Ferroviária de Senador Pompeu (Figura 3.I), isso porque os sertanejos utilizavam o trem como forma de transporte para ir até a capital, só que ao chegarem nessa estação, eles eram separados e escoltados até o CCS do Patu. A Estação Municipal era conectada à Estação Ferroviária do CCS (Figura 3.G), distando uma da outra por aproximadamente 3,8 km pela antiga ferrovia que as conectava, onde atualmente é interligada pela rodovia CE-363.

Anteriormente, o intuito principal da conexão entre as Estações Ferroviárias era o de transportar todo o maquinário e materiais, como pólvora, cimento, materiais de construção, ferramentas, entre outros, necessários para a construção da obra de barragem no rio Patu, mas também foi utilizada como forma de locomoção dos operários e engenheiros chefes de obra e carregamento da alimentação. Durante o ano de 1932, ela foi reutilizada para escolta dos sertanejos, além de continuar servindo os seus planos iniciais.

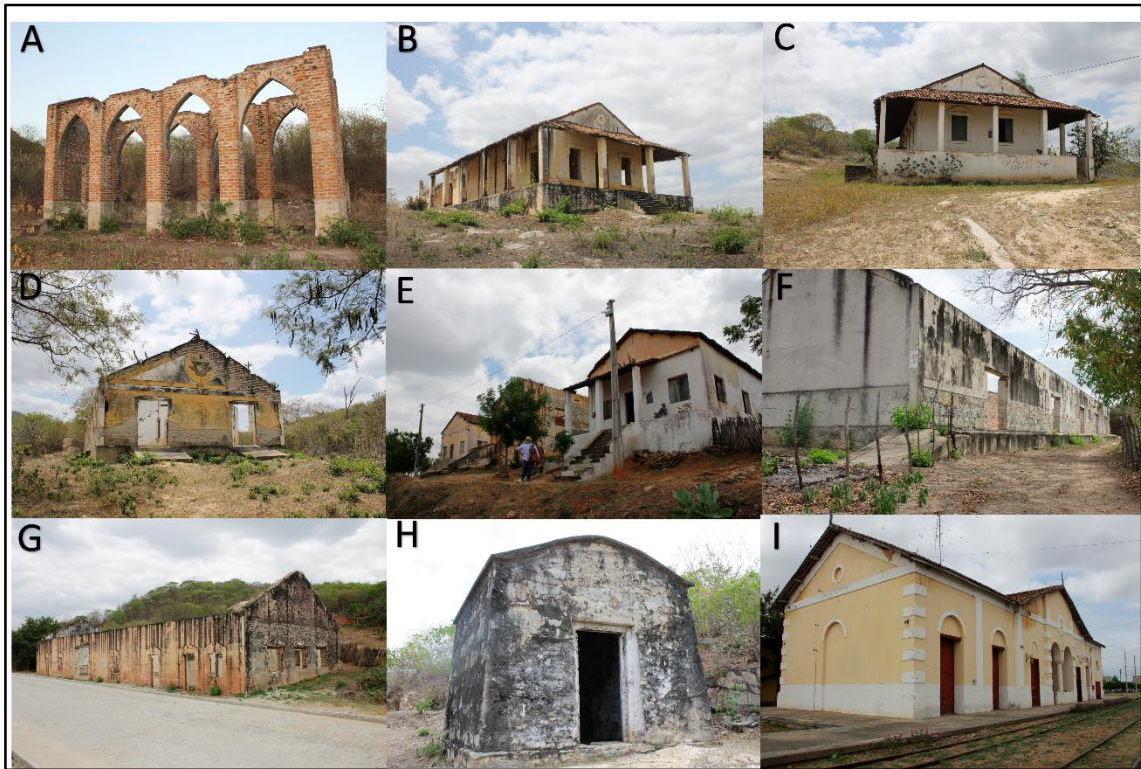


Figura 3. Estruturas identificadas no Campo de Concentração da Seca do Patu, antiga vila dos ingleses: A: Usina Gótica; B: inspetoria; C: casarão principal; D: casa da luz; E: as 3 primeiras casas; F: armazém; G: estação ferroviária do CCS do Patu; H: casa da pólvora; I: estação ferroviária de Senador Pompeu. Fonte: Núcleo de Antropologia Pré-histórica, 2019.

Antes mesmo de chegar à Estação Ferroviária do CCS do Patu, é possível identificar a primeira estrutura que fazia parte da antiga Vila dos Ingleses, a Casa da Pólvora (Figura 3.H). Ela se destaca entre todas as outras estruturas por apresentar um padrão arquitetônico diferente, principalmente em decorrência do objetivo de sua utilização, isso porque a pólvora utilizada nas obras da barragem era guardada nesse local. Desta maneira, a sua estrutura foi feita toda em concreto armado e distante das residências administrativas, isso evitaria maiores prejuízos caso ocorresse algum acidente com explosão.

Ao chegar ao CCS do Patu, podemos entender a articulação de cada estrutura e como foram utilizadas para o controle da população concentrada. Essas estruturas encontram-se em áreas mais elevadas, permitindo uma boa visibilidade dos sertanejos, que eram constantemente vigiados de forma que não fugissem do local em que estavam confinados. A casa da antiga Inspetoria (Figura 3.B), que outrora havia sido utilizada para fiscalização das obras, em 1932 serviu como local de observação, em especial por estar na área mais elevada do terreno.

As outras estruturas, além da Inspetoria, desempenhavam alguns objetivos, que foram essenciais para a administração do CCS do Patu. No ano de 1932, a maioria dos casarões da antiga Vila Inglesa foi utilizada como moradia e descanso dos servidores, enquanto um dos casarões principais, a Casa Por do Sol (Figura 3.C), que outrora serviu para a instalação de engenheiros ingleses, foi aproveitada como uma farmácia para distribuição de vacinas e raro atendimento médico dos retirantes.

De acordo com Bezerra (1996) a Casa da Luz (Figura 3.D) foi o local em que era gerada a energia elétrica para o funcionamento das máquinas utilizadas na construção da barragem do Patu. Enquanto isso, o Armazém (Figura 3.F) serviu como depósito de todos os materiais que seriam úteis nessa construção, ao tempo em que

os víveres que seriam posteriormente utilizados para distribuir aos sertanejos, ficavam guardados na Estação Ferroviária do CCS (Figura 3.G).

Ao passo em que as estruturas da antiga Vila Inglesa foram reutilizadas pela administração do CCS do Patu, os sertanejos ficaram concentrados em abarracamentos próximos ao leito do rio, já que ele se encontrava sem água. Isso permitiu a criação de estratégias de controle, fazendo com que os retirantes não escapassem do local (ver Figura 4). Essas estratégias são bem discutidas nos trabalhos de Foucault (1987), de Goffman (1961), de Moshenska e Myers (2011) e de Funari e colaboradores (2008), em que esses autores abordam as formas utilizadas pelas instituições de controlar seus internos, pois isso não garante apenas a manutenção de poder, mas são observadas também como as estruturas físicas são influenciadoras de comportamentos e interação entre os indivíduos.

Considerando as percepções de Goffman (1961) dentro desse contexto, as interações entre os indivíduos e as estruturas físicas do CCS do Patu são realizadas por meio de uma série de práticas que resultam no rebaixamento, degradação, humilhação e profanação do eu. Isso ocorre não apenas pela privação dos sertanejos da sua liberdade, mas também quando os internos são compelidos a seguir uma rotina que lhes é imposta. Eles são inseridos em um ambiente de alta exposição, onde todas as dimensões do eu (corpo, ações, propriedades, pensamentos, etc.) são violadas. Além disso, eles se tornaram vulneráveis a diversas formas de contaminação, seja devido às condições insalubres do CCS do Patu, à qualidade dos alimentos ou à falta de atendimento médico (Moreira, 2021).

Em nosso trabalho de campo não foi encontrada nenhuma das edificações em que os sertanejos habitaram, uma vez que elas consistiam em madeiras fixadas no terreno, sendo cobertas por folhas e palhas secas, ou placas de zinco, como forma de proteção do Sol escaldante do sertão (Bezerra, 1996). Devido à sua fragilidade, essas barracas não apresentam a mesma resistência que os edifícios administrativos. Por meio da Figura 4, é possível ter uma ideia de como estavam distribuídas as edificações e os abarracamentos.



Figura 4. Distribuição das edificações na paisagem e a demarcação do lugar que se encontrava os abarracamentos do Campo do Patu. Fonte: Núcleo de Antropologia Pré-histórica, 2019.

Conforme observado na Figura 4, pode-se perceber a distribuição dos edifícios e sua relação com o local de abarracamento do Campo de Concentração da Seca. Nota-se que as edificações ficam em uma área elevada, nas proximidades do rio Patu, enquanto os abarracamentos ficavam na área mais baixa, na região do curso do rio em que está circulada na respectiva Figura 4. Essa relação apresenta não somente as estratégias utilizadas, mas também se notam as inversões que dois contextos apresentam. O primeiro, de 1919, em que ocorria a fiscalização das obras, e um segundo, em 1932, com o objetivo de vigiar e controlar os sertanejos concentrados, apresentando as nuances da paisagem.

A paisagem vai muito além daquilo que se percorre com os olhos ou mesmo de um espaço físico, isso porque não existe paisagem sem considerar as percepções de seu observador, influenciada por diversos fatores culturais, contextuais e temporais. A paisagem faz menção ao uso social da terra, por pessoas e comunidades, no decorrer do tempo, onde há a modificação e a culturalização dessa terra por diversas atividades da vida humana. Sendo assim, são elementos dinâmicos e interativos, que estarão a todo momento estruturados, entendidos, significados/ressignificados por seus habitantes (Goffman, 1961). Por esse motivo, a paisagem não é estática, ela está em movimento, sendo construída a partir das experiências e reativadas pelas interações entre o mundo e humanos, em que os sentidos fazem com que essa paisagem seja experimentada, percebida, classificada e contextualizada. A partir disso, uma pessoa (ou um grupo) pode dar interpretações inerentes ao contexto histórico do que faz parte, e continuidade e/ou mudanças são escolhas (Fagundes *et al*, 2020).

Quando consideramos o CCS do Patu, observamos diferentes momentos históricos que contribuíram para modificar as percepções da paisagem. Em um primeiro momento (1919-1923), entre seus morros e a escolha de se instalar as edificações em locais mais altos, fica evidente que o intuito, além de proteção, também era de que se tivesse uma forma de fiscalizar o desenvolvimento das obras da barragem do Patu. Em um segundo contexto histórico (1932) entende-se a reapropriação dessas edificações para a administração do CCS, em que se tem como objetivo vigiar e controlar os sertanejos que se encontravam no leito do rio do Patu. Mas, se por um lado nas edificações é possível vigiar os concentrados, eles também observam do lugar onde estão, mesmo que cercados por limites que os impedem de sair. Eles se sentem constantemente vigiados, sentem o odor fétido da falta de higiene, da seca, da fome e das doenças, aquele espaço se trata de uma gaiola em que se buscava uma saída, em que se podia ver um horizonte de colinas, mas do qual é sabido que não haveria fuga. Por fim, atualmente nos restam as belezas encantadoras daquele ambiente. Quando fomos visitar o local do campo de concentração, nos deparamos com um ambiente sem o flagelo da seca, em que se observava um grande açude de águas caudalosas (Figura 5), enquanto algumas edificações estavam dispersas ao longo do espaço, um pôr do Sol admirável, que nos fez lembrar algumas dicotomias. Ao passo em que o ambiente físico se apresentava atraente aos nossos olhos, é impossível não lembrar os horrores aos quais os sertanejos foram submetidos, e isso nos trazia melancolia, revolta, descontentamento, não apenas por sabermos daquela história, mas por estarmos inseridos no mesmo espaço que já trouxera tantas perdas.

O CCS do Patu foi estrategicamente estruturado de modo a garantir a domesticação dos corpos, em que relacionamos ao pensamento filosófico de Foucault (1987) sobre as formas de poder. De modo análogo com outras instituições, principalmente prisões, a arquitetura do CCS do Patu foi articulada de modo a evitar revoltas. A substituição de armas de fogo por cacetes pelos soldados reafirma uma nova percepção e uma nova ordem de poder, criando outras formas de agências (Gell, 2018), que fariam com que os sertanejos imaginassem que não estivessem em um local prisional, mesmo que isso estivesse intrínseco em suas relações.



Figura 5. Barragem do Açude do Patu nos dias atuais. Fonte: Núcleo de Antropologia Pré-histórica, 2019.

A materialidade sempre está sendo utilizada de forma a garantir o sucesso do poder controlador e disciplinar sobre os corpos e a mente, por isso a necessidade de uma reflexão arqueológica. Partindo das concepções de Alfred Gell (2018), os objetos têm a capacidade de influenciar as ações e as relações sociais. Em diálogo com Foucault (1987) e considerando o nosso objeto de trabalho, essa agência está imposta nos limites físicos que circundam o CCS do Patu, nos lugares em que não se pode ultrapassar ou ir; nas ferramentas utilizadas pelos homens que ficaram responsáveis pelo controle dos sertanejos; nas estruturas utilizadas para vigia; e no Sebo, instrumento similar a uma solitária, construído de forma a produzir novos saberes, que garantiram corpos dóceis, controlados e submissos. Essas operações são muito comuns em ambientes repressivos, e são observadas de maneira análoga nos trabalhos de Arfuch (2013), Casella (2011) e Zarankin e Niro (2008).

Quando aplicamos os conceitos abordados por Goffman (1961) sobre “instituição total”, em que o autor discute como os ambientes fechados são lugares nos quais as regras são estritas, a hierarquia é rígida e o ambiente é altamente controlado. Aplicado ao CCS do Patu, ao serem obtidas vantagens da topografia local e impor vigilância constante, observamos de modo similar como as estruturas foram articuladas de modo a manter esses efeitos muitas vezes desumanos, em que a liberdade dos sertanejos foi suprimida de modo a moldar os seus comportamentos e a sua identidade de maneira profunda.

De acordo com Moshenska e Myers (2011), a arquitetura desempenha um papel significativo na domesticação e controle dos corpos, seja em contextos como o CCS do Patu, estruturado estrategicamente para evitar revoltas e impor uma nova ordem de poder, ou em locais de internamento, como prisões e outros campos de concentração. Ambos os cenários fazem uso de estratégias arquitetônicas para restringir o comportamento, incluindo a limitação de movimento, controle de acesso, e a imposição de limites físicos. A materialidade desses espaços é uma ferramenta fundamental para o exercício do poder disciplinador e controlador sobre os indivíduos, enquanto a arqueologia desempenha um papel essencial na revelação dessas dinâmicas de poder e na compreensão de como a arquitetura moldou a experiência daqueles que estiveram sob seu domínio.

Aprofundando a discussão sobre arquitetura e paisagem, nos reportamos ao prédio da Inspetoria que funcionou como um panóptico, em que se tem a finalidade de fazer com que o indivíduo se sinta constantemente vigiado, mesmo que jamais saiba em que momento está sendo. Como descrito por Foucault (1987), o efeito do panóptico é:

(...) induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente (Foucault, 1987, pp. 224-225).

Ao se sentirem vigiados, os sertanejos acabam por se sujeitarem às dinâmicas e estratégias de poder impostas no CCS do Patu, o que garantiu o sucesso dos objetivos desse local. Desse modo, a paisagem e as edificações foram utilizadas de modo a produzir agências e influenciar nos comportamentos dos concentrados (Gell, 2018). Ainda assim, alguns elementos escapam a esses limites. O sertanejo não foi apenas um agente passivo dessas estratégias. Ao passo em que houve certas submissões, também novos saberes foram formados, alianças e formas de se posicionar dentro de uma nova realidade, o que fica claro em obras como a “Invenção do Cotidiano” de Michel de Certeau (1998), onde é discutido como as pessoas 'praticam' o espaço, e no caso dos sertanejos, essa prática era de resistência e busca por uma saída. Aqui, nós focamos em descrever os instrumentos de poder exercidos pela materialidade, mas não podemos deixar de lado a própria forma dos sertanejos se articularem nesse novo contexto, de maneira que, embora se desejassem indivíduos submissos, também se formam sujeitos ativos e capazes de serem agentes de mudança.

NA FÉ REPOUSA MEMÓRIA: A RELAÇÃO DA COMUNIDADE DE SENADOR POMPEU COM O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DA SECA DO PATU

Onde antes era Campo de Concentração da Seca, hoje repousa a memória. Passados 50 anos dos acontecimentos, eles são constantemente lembrados pela fé católica dos sertanejos. Sabendo sobre a história do CCS do Patu e das numerosas mortes que ocorreram naquele local, o pároco italiano Albino Donatti assumiu a paróquia de Nossa Senhora das Dores, e a partir do ano de 1982 deu início a Caminhada da Seca, uma espécie de romaria em que as pessoas caminham em direção ao Cemitério das Almas da Barragem, entoando cantos e orações em memórias dos que morreram vítimas daquele sofrimento.

A primeira romaria ocorreu no segundo domingo do mês de novembro de 1982, sendo que a partir daquele ano, até o presente, a caminhada nunca deixou de acontecer. A data foi escolhida por ser próxima ao dia de Finados, quando a Igreja Católica relembra e celebra seus mortos. Desta maneira, eles estarão sempre vivos na lembrança por meio de uma celebração cristã, como forma de recordar todo o sofrimento e angústias vividos por aquelas pessoas no CCS do Patu (Silva, 2016).

A partir de uma cultura religiosa e popular apoiada pela Igreja Católica local, a caminhada da seca constitui-se como uma cultura imaterial de memória das vítimas do CCS do Patu, que foi relatada por seus

sobreviventes e forma um universo simbólico favorável para o desenvolvimento de santificação dos mortos (Connerton, 2009). Todo esse processo “contribui para que a memória da fome seja latente. Lembrar e orar todos os dias por pessoas que morreram de fome e doenças abandonadas pelo governo numa concentração é uma grande provocação em novos tempos de seca” (Silva, 2016, p. 9).

Essa caminhada é iniciada em frente da Igreja de Nossa Senhora das Dores e tem como destino o Cemitério das Almas da Barragem (Figura 6), estrutura construída por um grupo da comunidade local em 1973 e que foi escolhida simbolicamente como o cemitério dos mortos do CCS do Patu. De acordo com populares, o local estabelecido para o cemitério foi uma das valas comuns onde os corpos foram depositados, mas não há pesquisas mais aprofundadas sobre esse assunto.



Figura 6. Cemitério das Almas da Barragem. Fonte: Núcleo de Antropologia Pré-histórica, 2019.

A escolha do Cemitério das Almas da Barragem como destino da caminhada é emblemática. Esse local serve como um espaço simbólico, ressignificado para abrigar as memórias daqueles que ali pereceram. A materialização desse espaço como um lugar de memória é fundamental. Ele se torna uma parte tangível da história e identidade da comunidade, como sugerido por Pierre Nora (1993), carregando uma forte carga da memória coletiva de uma tragédia (Jelin, 2002).

Paul Connerton (2009) destaca a importância das práticas comemorativas na preservação da memória social. As caminhadas em direção ao Cemitério das Almas da Barragem servem como um ato simbólico de lembrança das vítimas do CCS do Patu, uma tragédia que afetou profundamente a comunidade local. Os cânticos e orações durante a romaria não são apenas expressões de fé; eles funcionam como rituais de memória que mantêm viva a narrativa daqueles que sofreram nesse campo de concentração. Essas práticas não são apenas

religiosas, mas também culturais, criando uma conexão profunda entre os participantes e a história de sua comunidade.

A partir de uma perspectiva arqueológica, os referidos espaços das edificações ou monumentos, e de devoção às almas, evocam através da sua materialidade uma memória sobre o cotidiano das pessoas que no passado habitaram e viveram as agruras do seu tempo e que atualmente emanam uma carga simbólica e cheia de recordações (Lifschitz, 2014; Pollak, 1989; Rago, 2010). Para Pierre Nora (1993) esses espaços são considerados como lugares de memória, por haverem se consolidado no pensamento de alguns grupos urbanos. Isso quer dizer que são lugares que fazem parte da memória coletiva, carregam a identidade social de uma população que se sente integrada por essa história (Tomaz, 2010). Com forma de complementar essas considerações, Fagundes e colaboradores entendem o conceito de lugar como:

Pontos estruturados e organizados, por meio de locais (mapas mentais) de referência, conhecidos e reconhecidos, explorados, significados e constantemente ressignificados. São valorados de acordo com as estruturas sócio-simbólicas onde são satisfeitas diversas necessidades humanas: biológicas ou espirituais; materiais e imateriais; reais ou mágicas, etc. Nessa perspectiva, são ontológicos e podem ser entendidos como centros de significados e de interação humana. O lugar enquanto sistema sociocultural é transformado, comunicado e reproduzido, proporcionando um senso de identidade e pertencimento ao grupo, sendo imprescindível à constituição da consciência individual e coletiva (Fagundes *et al*, 2020, p. 70).

De acordo com os pensadores acima citados, o CCS do Patu possui uma carga histórica e coletiva e atualmente é parte da constituição do Município de Senador Pompeu, sendo significado e ressignificado, assim como apresentado no conceito de lugar (Ruibal, 2008). Para que se conserve e se mantenha essa lembrança que quase foi esquecida pelos cearenses, e que em nível nacional se desconhece, nós o entendemos com lugar de memória. De acordo com Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (Nora, 1993, p. 13).

Se nas observações de Pierre Nora, aprofundadas por Paul Connerton (2009), é necessária a manutenção da memória de maneira constante para que ela não seja perdida, a materialidade, desta maneira, configura-se como uma importante ferramenta para essa perpetuação (Halbwachs, 2004). Isso pode ser observado com a construção de diversos monumentos, estátuas e edifícios que possuem o objetivo de marcar um importante acontecimento como guerras, independência, colonização, etc.

De acordo com González-Ruibal (2008), quando discutimos lugar e memória, dois conceitos devem ser considerados, o de lugar de abjeção e lugares *mnemotopoi*, que são totalmente plausíveis para as considerações do CCS do Patu. Os lugares de abjeção, como um Campo de Concentração em si, são locais associados a eventos traumáticos, evocando sentimentos de horror e desumanidade. São espaços que remetem a períodos de sofrimento e calamidade (Jelin, 2002). No caso de Senador Pompeu, a memória do CCS do Patu serve como um lembrete das tragédias do passado, e é importante para a preservação da memória coletiva, reforçando a necessidade de lembrar e aprender com esses eventos sombrios.

Por outro lado, os lugares *mnemotopoi*, como o local da romaria anual em Senador Pompeu, representam locais com significado social e histórico positivo. Eles são marcados por eventos de importância cultural, como a peregrinação em memória do Campo de Concentração. Esses lugares são fundamentais para a construção e preservação da memória coletiva, pois reforçam a identidade cultural da comunidade e mantêm viva a lembrança do evento traumático que ocorreu no lugar de abjeção. Os lugares *mnemotopoi* também podem ser usados para promover narrativas de resiliência, resistência e união, lembrando a comunidade de sua capacidade de superar desafios (González-Ruibal, 2008).

A materialização da memória a partir dessas observações é uma forma de manutenção da lembrança de um acontecimento. Além disso, também instiga a curiosidade, sobre o que, de fato, aquilo representa. Os romeiros se sentem integrados por meio dessa memória compartilhada, o que fortalece sua conexão com a história e uns com os outros (Halbwachs, 2004). A manutenção constante da memória, como enfatizada por Pierre Nora (1993), é vital para evitar que a história seja esquecida, por isso também a necessidade de sua vinculação com a materialidade. Nesse caso, o Cemitério das Almas da Barragem serve como um lembrete constante dessa tragédia, garantindo que as gerações futuras também se lembrem, sendo que a Caminhada da Seca e a ressignificação do local ajudam a construir uma identidade cultural e social para a comunidade.

A doutrina religiosa cristã enraizada na tradição popular desempenha um papel fundamental na perpetuação da memória do CCS do Patu. Isso é evidenciado pela Caminhada da Seca e pela manutenção da lembrança dos eventos que quase foram esquecidos. A materialização da memória, como observado por Paul Connerton (2009), é uma forma poderosa de manter viva a lembrança de eventos importantes. Além disso, desencadeia a curiosidade, levando as gerações futuras a se questionarem sobre o significado do lugar e, assim, a aprenderem sobre a história que ele representa, a partir de um Governo que preferia rejeitar e aprisionar o seu povo, em vez de enxergar o grande desastre humano que se tornaram esses Campos (Lifschitz, 2014).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante das discussões, podemos entender as diversas conexões que estavam imbricadas para a formação dos Campos de Concentração da Seca no Ceará. Aqui, percebemos as estratégias de limpeza social que o governo sempre utilizou em busca de deixar as cidades mais “belas”, sem sujeira, e essa sujeira é a pobreza, ou seja, o próprio sertanejo que procurava abrigo e encontrou prisão e descaso. O que nos surpreende, mas nem tanto, é que as mesmas “soluções” são utilizadas até hoje, mas com nova roupagem, novas estratégias. E o povo parece não ter memória social para perceber como são feitos os projetos emergenciais dos governos, que apenas maquiagem as situações sociais, mas não oferecem soluções definitivas para problemas antigos e recorrentes.

Os CCS cumpriram o seu objetivo, evitar que a presença da pobreza assolasse a capital que vivia na ascensão da Belle Époque, mas isso trouxe ainda mais prejuízos, irreparáveis e dolorosos, que custaram a vida de centenas de pessoas. Eles não são apenas sertanejos, retirantes, ou qualquer nomenclatura que utilizamos para classificá-los e segregá-los do restante de qualquer outro agrupamento humano; eles são pessoas que foram tratadas como criminosos por fugirem das condições impostas pela seca, em que a seca não é apenas um fenômeno natural, mas social e político.

Aqui, além de considerações sobre o contexto histórico, ficaram presentes as mudanças ocorridas na paisagem, de fiscalização, de vigia e controle e, atualmente, da memória. As edificações da Vila Inglesa foram reapropriadas de forma que todos os corpos presos no Campo do Patu fossem domesticados e controlados,

jamais direcionados para as benesses da capital. Para que esse projeto tivesse sucesso, o Campo de Concentração da Seca do Patu foi articulado de modo a exercer poder controlador e disciplinar, ou seja, a paisagem era formada a partir de uma localização estratégica por parte da administração, ficando situada em áreas mais altas em que se tinha uma grande visibilidade de todo o local onde os sertanejos estavam concentrados, uma vez que ficavam restritos às áreas mais baixas. Com esse formato, essa paisagem parecia constantemente vigiada, em que se tem olhos por toda parte, e juntamente com as demais estratégias de poder, ela ganhava vida.

Atualmente, o CCS do Patu está marcado pela memória, a memória da perda que é relembrada anualmente por um evento religioso e perpetuada por seus remanescentes materiais, principalmente as edificações que sediaram a administração do Campo. Muitas dessas edificações, algumas delas abandonadas nos dias de hoje, estão fadadas ao intemperismo do tempo e é por isso que alguns Coletivos e a população de Senador Pompeu estão se empenhando para o tombamento de todo esse lugar de memória. O município já o reconheceu como patrimônio cultural, mas falta ainda sua concretização por parte do Estado e da União (Lima, 2021).

O que nós consideramos é que esses espaços sejam preservados e reestruturados de forma que a sua história permaneça viva e marcada pelo abandono do povo sertanejo sob a responsabilidade do governo. Com isso, uma alternativa viável seria utilizar algumas das estruturas como um museu que apresente tanto um histórico das secas periódicas e da formação dos campos de concentração. Uma história lembrada deixa as marcas do que não deve ser repetido.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Marcélia Marques e a Janaína Nunes por toda colaboração nos trabalhos de campo e suporte em Senador Pompeu. A Igor Linhares por nos acompanhar nas atividades. Ao Núcleo de Antropologia Pré-histórica por nos disponibilizar os materiais necessários para a documentação fotográfica e aérea do CCS do Patu.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque Jr., D. M. (1988). *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino de problemas à solução: 1877-1922*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Arfuch, L. (2013). *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Baretta, J. (2014) Arqueologia da repressão e da resistência e suas contribuições na construção de memórias. *Revista de Arqueologia Pública*, 8(10), 76-89.
- Bezerra, A. (1996). *Barragem do Patu: os descaminhos de uma obra*. Senador Pompeu: Editora Geo.
- Brito, L. (2013). A fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. *Estação Literária*, 10(B), 111-125.
- Calveiro, P. (2013). *Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina*. São Paulo: Boitempo.
- Camara, Y. M. R., & Camara, Y. R. (2015). Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em O Quinze. *Revista Entrelaces*, 5(6), 167-177.

- Campos, J. N. B. (2014). Secas e políticas públicas no Semiárido: ideias, períodos e pensadores. *Estudos Avançados*, 28(82), 65-88.
- Casella, E. C. (2011). Lockdown: On the Materiality of Confinement. Em Moshenska, G, & Myers, A. (Eds.). *Archaeologies of Internment* (pp. 285-295). New York: Springer.
- Casella, E. C. (2002). Archaeology of the Ross Female Factory: Female Incarceration in Van Diemen's Land. *Records of the Queen Victoria Museum*, 108.
- Castro, L. (2010). As retiradas para os campos de açudagem na seca “do quinze”. *Revista Historiar*, 2(2), 96-109.
- Connerton, P. (2009). *How Modernity Forgets*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, M. C. L. (2004). Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 11(1), 57-74.
- Dantas, S. P. (2017). *Açudagem no nordeste brasileiro e no Ceará: estimativa de evaporação do açude Castanhão em um ano seco*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Davies, P. (2013). Clothing and textiles at the Hyde Park Barracks Destitute Asylum, Sydney, Australia. *Post-Medieval Archaeology*, 47(1), 1-16.
- De Cunzo, L. A. (1995). Reform, Respite, Ritual: Na Archaeology of Institutions; The Magdalen Society of Philadelphia, 1800-1850. *Historical Archaeology*, 29(3), 1-168.
- De Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 3a edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- Fagundes, M., Kuchenbecker, M., Vasconcelos, A. M. C., & Gonzaga, A. P. D. (2020). Paisagens e Lugares – Caracterização Geoambiental e Cultural dos Sítios Arqueológicos do Complexo Três Fronteiras, Alto Vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais. *Raega*, 47(1), 67-84.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Funari, P. P., Zarankin, A., & Alberioni, J. R. (Orgs.). (2008). *Arqueologia da repressão e da resistência: América Latina na era das ditaduras (1960-1980)*. São Paulo: Annablume, Fapesp.
- Gell, A. (2018). *Arte e Agência: uma teoria antropológica*. São Paulo: Ubu editora.
- Giovanazzi, J. P. (1998). *Migalhas do sertão*. Senador Pompeu: La Reclame.
- Goffman, E. (1961). *Asylums: Essays on the social situation of mental patient and other inmates*. New York: Anchor Books.
- Gonçalves, P. C. (2018). O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 25(2), 515-539.
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Jelin, E. (2002). *Los trabajos de la memoria Colección Memorias de La Represión*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Jelin, E., & Catela, L. S. (2002). *Los archivos de la represión: documentos, memoria y verdad. Colección Memorias de La Represión*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Jelin, E., & Kaufman, S. G. (2006). *Subjetividad y figuras de la memoria. Colección Memorias de La Represión*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Lifschitz, J. A. (2014). Os agenciamentos da memória política na América Latina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85), 145-158.
- Lima, M. L. H. (2021). *Sempre Há Esperança Após a Cerca e a Seca: A Patrimonialização Do Campo De Concentração Do Patu Em Senador Pompeu – Ce*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas.

- Lima, M. L. H., & Souza, H. A. X. (2016). Caminhada da Seca: Memória, cultura e cidadania. Em Fortes, G. B., Telles, M. F. P., & Albuquerque, N. M. (Org.). *Direitos culturais, memória e verdade* (pp. 711-722). Fortaleza: IDBCult.
- Maguire, P. P. F. (2020). Desenvolvimentismo, tortura e internação: tecnologias da repressão na Ditadura Brasileira de 1964-1985. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 13(2), 165-194.
- Monteiro, R. F. (2011). A Ciência Rumo ao Sertão do Ceará. *XXVI Simpósio Nacional de História. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH - SP.
- Montebello, N. M., & Silva, M. M. (2023). Retirantes flagelados no Ceará-da-seca: (bio)políticas populacionais na consolidação do Estado moderno. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, 8(21), 60-77. doi: 10.32335/2238-0426.2018.8.21.1058.
- Moreira, J. M. B. (2021). *Arqueologia da Loucura: Narrativas alternativas, cultura material e história do Hospital Colônia de Barbacena*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Moshenska, G., & Myers, A. (2011). An Introduction to Archaeologies of Internment. In Myers, A., & Moshenska, G. (Eds.). *Archaeologies of Internment* (p. 1-19). New York: Springer.
- Neves, F. C. (1995). Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, 15(29), 93-122.
- Neves, F. C. (2001). Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. *Revista Brasileira de História*, 21(40), 107-131.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História – História e Cultura*, 10, 7-28.
- Orser Jr., C. (1992). *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- Paiva, F. (2020). *Campos de concentração no Ceará*. São Roque: Gênio Editorial.
- Pinheiro Neto, A. (2014). *De curral da fome a campo santo: o campo de concentração de retirantes da seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Pollak, M. (1989). "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Pompeu Filho, T. (1893). *Ensaio estatístico do Ceará*. Fortaleza: Tipografia do jornal A República.
- Rago, M. (2010). "Memórias da Clandestinidade: Criméia Alice de Almeida Schimidt e a Guerrilha do Araguaia". Em Pedro, J. M., & Wolff, C. S. (Orgs.). *Gênero, feminismo e ditaduras no cone sul* (pp. 156-173). Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres.
- Rios, K. S. (2014). *Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Ruibal, A. G. (2008). "Time to destroy. An archaeology of supermodernity". *Current Anthropology*, 49(2), 247-279.
- Santos, R. R. O., & Santos, J. M. (2017). O Nordeste nas Páginas dos Livros Didáticos. *ComSertões. Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido*, 5(1), 13-30.
- Sena, E., Medeiros, R., Santos, C., Sullasi, H., Bonald, L., Chagas, N., & Mutzenberg, D. (2023). As ruínas do forte de São Francisco da Laje: Subsídios arqueológicos para sua preservação. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 17(1), 69-86. doi: 10.31239/vtg.v17i1.34910
- Silva, K. Q. (2016). "Caminhando ao Campo Santo pelo sertão eu vou...": a construção da caminhada da seca, Senador Pompeu- CE (1982-2010). *Anais XIII Semana De História da Feclesc* (pp. 1-13). Disponível em: <https://www.uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-9737-10082016-085921.pdf>. [cons. 24 jan. 2024]
- Souza, I., & Medeiros Filho, J. (1983). *Os degredados filhos da seca*. Petrópolis: Vozes.

- Souza, J. W. F. (2015). Secas e socorros públicos no Ceará. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 52, 178-219.
- Teófilo, R. (1980). *A seca de 1915*. Fortaleza: Ed. UFC.
- Thiesen, B. V., Pereira, C. M., Rippel, E., Vespasiano, G. R., Cornaquini, I. G., Toledo, J., & Fernandez, M. (2015). Vestígios de uma ausência: Uma arqueologia da repressão. *Revista Arqueologia Pública*, 8(2)[10], 232-250.
- Tomaz, P. C. (2010) A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. *Fênix*, 7(2), 1-12.
- Travassos, L. S. M. (2011). Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza-CE. Em Marques, L. (Org.). *V Colóquio de História* (pp. 717-730). Recife. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.717-730.pdf>>. [cons. 24 jan. 2024]
- Villa, M. A. (2000). *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática.
- Zarankin, A., & Niro, C. (2008). A materialização do sadismo: arqueologia da arquitetura dos Centros Clandestinos de Detenção da ditadura militar argentina (1976-83). Em Funari, P. P., Zarankin, A., & Alberioni, J. R. (Orgs.). *Arqueologia da Repressão e da Resistência: América Latina na era das ditaduras (1960-1980)* (127-148). São Paulo: Annablume, Fapesp.